

# A VIDA EM BUSCA DE UM NARRADOR: O PONTIFICADO DE FRANCISCO E A HERMENÊUTICA NARRATIVA DA MISERICÓRDIA, UMA RELEITURA DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO NA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI

*LIFE IN SEARCH OF A NARRATOR: THE PONTIFICATE OF FRANCIS AND THE NARRATIVE HERMENEUTIC OF MERCY, A READING OF THE PARABLE OF THE GOOD SAMARITAN IN THE ENCYCLICAL FRATELLI TUTTI*

Reginaldo Marcolino<sup>1</sup>

**Resumo:** A linguagem religiosa é dotada de sentido, pois “Deus é o Deus que se deixa dizer” dentro das significações metafóricas. As parábolas são metáforas. A parábola do Bom Samaritano traz significados para além do texto. Paul Ricoeur fala do “mundo do texto”, um mundo aberto ao leitor. O Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti* apresenta a parábola do Bom Samaritano como hermenêutica narrativa da misericórdia; duas perguntas são impactantes e cheias de sentido e, por isso, trazem hermenêutica e fenomenologia: “Quem é o meu próximo?” e “Vai e faz tu o mesmo!”. Isso nos faz “redescrever” a realidade em que vivemos.

**Palavras-chave:** Narrativa. Linguagem. Hermenêutica. Papa Francisco. Misericórdia.

**Abstract:** Religious language is endowed with meaning, as “God is the God who lets himself be said” within metaphorical meanings. Parables are metaphors. The parable of the Good Samaritan carries meanings beyond the text. Paul Ricoeur speaks of the “world of the text”, a world open to the reader. Pope Francis in the encyclical *Fratelli Tutti* presents the parable of the Good Samaritan as a hermeneutic narrative of mercy; two questions are impactful and full of meaning and, therefore, bring hermeneutics and phenomenology: “Who is my neighbor?” and “Go and do the same yourself!”. This makes us “redescribe” the reality in which we live.

**Keywords:** Narrative. Language. Hermeneutic. Pope Francis. Mercy.

## Introdução

O objetivo de nossa pesquisa é aproximar o discurso narrativo ao discurso teológico, ou seja, procurar-se-á falar de teologia narrativa renovando o pensamento teológico tradicional, baseando-nos em abordagens novas, no caso a metáfora, que poderemos chamá-la de parábolas que Jesus utilizou como ensinamento aos seus interlocutores.

A narrativa sempre traz reflexividade. Dessa forma, a teologia narrativa exigirá que o relato e a reflexão estejam dentro da unidade de uma forma. A novidade da parábola do Bom Samaritano usada pelo Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti* traz

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia pela PUC-SP; mestre em Teologia pela PUC-SP; coordenador do Curso Presencial de Teologia e professor de Teologia na FAJOPA-Marília/SP.

contornos do discurso teológico dentro do plano do discurso narrativo, fazendo o leitor não se reduzir a normas e enunciados apenas doutrinários.

O Papa Francisco atualiza o discurso teológico trazendo nas palavras de Jesus, através da parábola do Bom Samaritano, uma reflexão crítica sobre a vivência da fé: “Quem é o meu próximo?”. Instaura-se, com isto, na teologia, a narratividade como o encontro da experiência, trazendo à baila, o verdadeiro significado da fé e, conseqüentemente, o pensar a ética como finalidade prática: a misericórdia.

A misericórdia torna-se um fenômeno a ser experimentado pelo ser humano que crê. Para isto, o Papa Francisco utiliza-se de uma hermenêutica narrativa da misericórdia na parábola do Bom Samaritano, como enfatiza Paul Ricoeur, onde o texto precisará falar por si, “deixando o texto ser ele mesmo” e, dessa maneira, um “mundo” se desdobra, dentro de um horizonte de possibilidades, gerando assim um sentido na obra.

Assim, Francisco provoca um questionamento profundo e pertinente à Igreja: que ela seja acolhedora e samaritana, num horizonte aberto de fé, a vivência da misericórdia. Isso nos faz pensar: que tipo de Igreja queremos ser?

## **1. Uma aproximação do discurso narrativo ao discurso teológico**

O discurso teológico fala de Deus que se deixa narrar, pois antes de se fazer presente na linguagem, Ele se fez presente na história. Neste sentido, “Gadamer refere-se à doutrina da Encarnação: a unidade intrínseca do pensamento e da fala que corresponde ao mistério trinitário da Encarnação (O Verbo era já Verbo mesmo antes de se fazer carne) inclui a ideia de que a palavra interna do espírito não se forma por meio de um ato reflexivo. Alguém que se exprime está já a exprimir aquilo que pensa” (PALMER, 1969, 206).

O indivíduo que lê, busca o mundo do texto. O mundo do texto é um mundo aberto, pois há um horizonte de possibilidades ou fusão de horizontes como diz Gadamer. Essa é a verdadeira base da experiência hermenêutica: “a possibilidade de podermos ter um mundo como aquele espaço aberto em que o ser das coisas se pode revelar” (PALMER, 1969, p. 210).

A fé religiosa possui sua base na linguagem, enquanto modalidade particular de discurso. Quaisquer que sejam as características de uma eventual experiência religiosa, é numa linguagem que ela se articula. O discurso religioso é sempre dotado de sentido,

pretende-se ser verdadeiro, pois nele, devem ser desveladas novas dimensões da realidade e da verdade (cf. RICOEUR, 1975, p. 1).

Dessa forma, na tentativa de relacionar o discurso narrativo ao discurso teológico, no plano da filosofia da linguagem, Paul Ricoeur nos ajuda a entender a função das expressões religiosas da metáfora. A metáfora é mais que uma figura estilística; não se limita a uma criação de sentido no discurso; não se compara na linguagem bíblica somente como retórica; possui função poética. Assim, a metáfora traz inovação semântica; contém dimensão de referência; possui força de sentido e não traz uma função simplesmente retórica (cf. RICOEUR, 1972, p.75).

Deve-se perguntar que tipo de construção teológica se faz na linguagem. A metáfora possui não só o sentido de “escrever” a realidade, mas de “redescrever”; é um “ver como” para “ser como”, esse é um poder semântico que a linguagem religiosa é dotada utilizando a metáfora. A fé religiosa ou a experiência religiosa, podem ser reconhecidas com base na linguagem que as exprime (cf. RICOEUR, 1975, p. 2).

Vale lembrar a importância da imaginação no discurso poético, dando sentido ao discurso teológico. Ricoeur trabalha a imaginação como poder de esquematizar a pertinência semântica, pois esta é criadora de sentido. A metáfora é lugar onde nascem novos sentidos e, assim, a imaginação produtiva é uma referência transformada, dando a capacidade de “se ver como a si mesmo” e isso é criador, pois torna-se possível “redescrever” a realidade (cf. RICOEUR, 1972, p. 14).

No campo da imaginação produtiva, a linguagem religiosa “Deus é o Deus que se deixa dizer” dentro das significações metafóricas. Daí, o “acreditar em Deus é também imaginar Deus”; “a imaginação é uma atividade perceptiva que parte sobretudo do sensorial e do simbólico; é pulsão criativa que nos faz olhar o real de um modo não formatado; é matéria-prima da criação e da arte; é a poética interna do sujeito; é um sopro da liberdade de Deus” (SPADARO, 2016, p. 5 e 7).

O pensamento é “horizonte aberto” dando ao símbolo a criatividade de “pensar o novo”. A narrativa abre um “horizonte de possibilidades”. O ser humano é um ser de possibilidades, ou seja, é um ser fenomenológico. Interrogamos o texto a partir daquilo que somos; a melhor interrogação, segundo Ricoeur, é a que mais explica; a metáfora traz o desafio da interpretação e, por isso, é “viva”, é preciso “conhecer-se diante dela”.

O ser humano não é uma “expressão de dicionário” com um único significado, sem interrogações e questionamentos. A metáfora na concepção ricoeuriana é “viva”, pois traz elementos da leitura, da análise e principalmente da interpretação. Neste

sentido, a obra é sempre aberta, porque de um lado se tem o que o autor quis dizer e, de outro, o que o leitor entendeu.

A partir desse pensamento, há uma superação do estruturalismo, pois o sentido interpretativo supera a estrutura do texto. Claro que, a estrutura do texto revela também o seu significado, mas a chamada “atribuição de sentido” dá ao texto “sensações diante do que é lido” e, por assim dizer, acontece um ultrapassar da “frieza” da letra, chegando ao “calor” do significado; o significado é um desabrochar de sentido.

O discurso teológico precisa ser compreensível à sociedade contemporânea; é preciso um trabalho criativo trazendo o elemento criatividade que liberte do fideísmo, do racionalismo e do relativismo. Alguns questionamentos se apresentam ao discurso teológico: basta “aquilo que já está dado”, isto é, o *depositum fidei*? Ou ainda, o Catecismo? Claro que não se pode perder a referência, mas o papel do leitor será elementar, pois é ele quem dá significado à história. É essa aproximação que procuraremos fazer ao tratar da parábola do Bom Samaritano na encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco. A parábola traz um convite à imaginação, usa imagens, metáfora, “falando sem dizer explicitamente o significado”; caberá ao leitor a interpretação.

A metáfora dentro do discurso teológico é fundamental, ou seja, é estruturante e os significados “ficam abertos para quem lê”. As narrativas são metafóricas, não “fato bruto” e sempre há carência de interpretação. Gadamer diz que o “ouvir” nos dá um poder muito maior do que o ver: “não há nada que não se torne acessível ao ouvido, através da linguagem. Por que é assim? Porque através da audição, através da linguagem, acedemos ao *logos*, ao mundo a que pertencemos. É precisamente esta dimensão mais profunda, esta dimensão ontológica acessível através da linguagem, que dá à experiência hermenêutica o significado que tem para a vida presente do intérprete” (PALMER, 1969, 211).

Portanto, para Ricoeur, “os textos religiosos constituem, para uma hermenêutica filosófica, uma categoria de textos poéticos. Eles visam reescrever a existência, de maneiras diversas. A sua especificidade tem de ser procurada no interior dessa propriedade comum aos outros textos poéticos”. “O momento do “compreender-se” responde dialeticamente ao do “encontrar-se”” (RICOEUR, 1975, p. 8). É o que pretendemos fazer ao refletir sobre a hermenêutica narrativa da misericórdia na parábola do Bom Samaritano que o Papa Francisco utilizará para transmitir aos seus leitores a mensagem de amor, de amizade, de paz e de esperança.

## **2. A hermenêutica narrativa da misericórdia na parábola do Bom Samaritano**

As parábolas de Jesus são um estilo próprio de narração que possuem a finalidade, como em toda metáfora, de “jogar para fora”. Esse tipo de linguagem, como toda linguagem, possui um “rosto”, uma fisionomia própria.

O Papa Francisco pode ser chamado de o “papa da metáfora”. Francisco valoriza em suas falas e alocuções, em seus escritos e dizeres, a imaginação. Convida à imaginação. Na parábola, o sentido do texto é insinuado através das personagens. A personagem no texto traz elementos significativos para se entender o discurso teológico.

O original em Francisco é o resgate feito do sentido próprio do Evangelho. O Evangelho é Palavra de Salvação, ou seja, a mensagem evangélica possui o grande objetivo de salvar o ser humano. Há, de fato, nos ensinamentos de Francisco, uma tentativa bem clara de recuperar a mensagem de Jesus, com seu estilo, sua vida e sua prática.

A teologia da tangibilidade é evidenciada nos seus escritos, ou seja, o grande objetivo e desejo é o de “tocar o mundo”. Dessa forma, o “Papa da metáfora” toca o mistério do mundo atual e se deixa tocar através de gestos bem concretos: contato com crianças e idosos, o “ir ao encontro” dos afastados e marginalizados, ao propor uma Igreja em saída e de caráter missionário. Alfredo J. Gonçalves diz: “o toque constitui uma das linguagens mais íntimas e familiares no intrincado tecido das relações humanas. É linguagem privilegiada de quem muito ama e quem muito sofre” (2017).

Apresentar Jesus tangível, como nos faz o Papa Francisco, é trazer a novidade do Evangelho de forma criativa, “é trazer para o presente, o futuro” como nos diz Ricoeur, é verdadeira utopia, é tocar a esperança humana. Francisco abre novos horizontes dando um tom de libertação, mostrando que o mundo precisa ser tocado diante de tantos fenômenos negativos existentes: a fome, a rejeição social, a aporofobia<sup>2</sup>, os refugiados, os desalojados, dentre outros.

A parábola do Bom Samaritano apresentada na encíclica *Fratelli Tutti* mostra um desencadear processos, ou ainda, iniciar processos, que na verdade, significa construir pessoas “*teofanesis*”, isto é, pessoas crísticas. Daí, ao olhar a narrativa da parábola com suas personagens, devemos nos perguntar: “com quem te identificas? A

---

<sup>2</sup> Termo usado pela filósofa espanhola Adela Cortina para designar a prática de manter os pobres afastados; possui sentido de ódio em relação aos despossuídos.

qual deles te assemelhas? Precisamos reconhecer a tentação que nos cerca de nos desinteressar dos outros, especialmente dos mais frágeis” (FT 63-64).

Todos os sistemas simbólicos têm um alcance denotativo na medida em que eles “fazem”, “desfazem” e “refazem” a realidade. Devemos nos perguntar: como o Papa Francisco reorganiza “nossas atitudes cristãs” a partir da parábola do Bom Samaritano? A parábola na sua função de metáfora “constitui um modelo para mudar a nossa maneira de ver as coisas, de perceber o mundo.

A própria teologia é a maneira pela qual enxergamos a vida. Daí, a interpelação da parábola: como enxergamos o pobre, o caído à margem? O Papa Francisco é um “fenômeno” para a Igreja na atualidade, e neste sentido, o Cardeal Walter Kasper, fala que aproximar-se do “fenômeno Francisco” é aproximar-se do seu olhar e do seu coração, um aproximar-se dos fundamentos de sua teologia, adentrando nas entranhas do mistério do mundo. Dessa forma, surge uma verdadeira hermenêutica a partir do Evangelho do Reino para compreender a vida e o mundo.

Nesta compreensão, Francisco é o gotejar de uma hermenêutica da vida humana, na busca de um novo humanismo, isto é, a vida será sempre o ponto de partida para se fazer teologia, em uma articulação perfeita entre *depositum fidei* e *depositum vitae*, sendo então, a vida, em todas as suas dimensões e facetas, um *locus theologicus*<sup>3</sup>.

A prática narrativa de Francisco parte sempre de grandes temas existenciais, no caso da parábola do Bom Samaritano, “com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que «a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro». A parábola adverte-nos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências incluíveis da realidade humana” (FT 66-67).

Continua, neste sentido, o Papa Francisco: “de imediato a parábola faz-nos pousar o olhar claramente naqueles que passam ao largo. Esta perigosa indiferença que leva a não parar, inocente ou não, fruto do desprezo ou duma triste distração, faz das duas personagens – o sacerdote e o levita – um reflexo não menos triste daquela distância menosprezadora que te isola da realidade. Há muitas maneiras de passar ao largo, que são complementares: uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros, ficar indiferente; outra seria olhar só para fora” (FT 73).

---

<sup>3</sup> Melchior Cano trabalha o termo como expressão do ato de se fazer teologia. Neste sentido, teremos sempre novos e diferentes *locus theologicus* na atualidade.

Com essa linguagem e narrativa, Francisco adota uma lógica do próprio Jesus, Deus encarnado; antes de ser uma teologia teórica, é, efetivamente e afetivamente, uma lógica pedagógica que privilegia a misericórdia, pois foi assim que Deus escolheu revelar-se ao ser humano. O próprio Deus é ternura e misericórdia e, dessa maneira, as atitudes não tanto comuns a um Papa, revelam o método e o ser de Francisco: ele toca sem medo as pessoas, faz refeição com os mais pobres, batiza o filho da mãe solteira e de um casal irregular, acolhe no Vaticano os imigrantes e refugiados. As atitudes de Francisco revelam novos contornos de uma linguagem que se configura com o ser e o agir de Jesus de Nazaré.

Assim, o caminho da misericórdia propõe o “encontrar novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG 11). Por isso, a pergunta e, conseqüentemente a afirmação final da parábola nos faz pensar em nossas atitudes cristãs que devem revelar o rosto da misericórdia: “Jesus propôs esta parábola para responder a uma pergunta: «Quem é o meu próximo?» (Lc 10,29)”. “A conclusão de Jesus é um pedido: «Vai e faz tu também o mesmo» (Lc 10,37). Por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos vizinhos a quem quer que seja. Assim, já não digo que tenho «próximos» a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me, eu, um próximo dos outros” (FT 80-81).

Francisco diz: “o ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser no sincero dom de si mesmo” aos outros (FT 87) e, ainda: “o amor cria vínculos e amplia a existência” (FT 88); “o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23,8)” (FT 95).

### **3. Em busca da Igreja acolhedora e samaritana: fenomenologia da misericórdia**

A linguagem é a mediação do ser e, neste caso, pode ser chamada de fenomenologia. A linguagem é manifestação do ser<sup>4</sup>. “A linguagem revela o nosso

---

<sup>4</sup> Paul Ricoeur em *Il racconto interpretativo* artigo da *Rivista Fontana da Enzo Melandri* (p. 11), fala da “inevitabilidade do destino divino e a contingência da ação humana” (tradução nossa). Assim, percebe-se que a linguagem, mas, no caso a bíblica, traz uma mensagem divina que possui seu destino divino que pode ou não atingir a ação humana. Anteriormente, no mesmo artigo (p. 10), o autor descreve que “dizer que “uma teologia que enfrenta a inevitabilidade do plano divino junto com a ação recalcitrante e as

mundo – o mundo da vida. Ter um mundo é ao mesmo tempo ter linguagem. A linguagem como poder de abrir um espaço em que o mundo se possa revelar. A linguagem é feita para se ajustar ao mundo” (PALMER, 1969, pp. 207-208).

«A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida». O Papa Francisco cita o poeta e compositor brasileiro Vinicius de Moraes (1913-1980) trazendo uma passagem da letra da música “Samba da Bênção” (FT 215). Ainda a música nos faz pensar o mundo à nossa volta: “Há sempre uma mulher à sua espera. Com os olhos cheios de carinho. E as mãos cheias de perdão. Ponha um pouco de amor na sua vida. Como no seu samba”. A misericórdia proposta por Francisco nos faz pensar e viver a arte de amar.

A semântica do termo misericórdia se traduz como a relação íntima entre o amor e a justiça; o vocábulo bíblico remete a um sentimento visceral e afetivo, que se traduz em gestos de bondade e de compaixão. Assim, para Francisco, a misericórdia está visceralmente voltada aos pobres e excluídos, a quem em primeiro lugar e de modo privilegiado é destinado o Evangelho (EG 53; 55; 57; 59). O teólogo Donizete José Xavier diz: “a misericórdia é uma condição poética em Francisco. Por meio dela seu olhar se compadece; seu amor se dilata e Francisco conclama toda a Igreja para que com ele possa lançar-se para fora de si em direção do outro, exclusivamente em direção do pobre. A poética de Francisco é, em si, abraâmica e exodal; nesse sentido, convocatória, interpelativa, profética e libertadora. É movimento de saída, de encontro e de esperança” (XAVIER, 2018, p. 156).

Dessa forma, o Papa Francisco diz: “como ensinam os bispos latino-americanos, «só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres»” (FT 234).

Paul Ricoeur ao falar de imaginação e metáfora diz (Revista *Psychologie Médicale*, 14, 1982): “Sartre sublinhou que, imaginar é dirigir-se para o que não existe”. De modo mais radical, imaginar é tornar-se ausente do todo das coisas; significa projetar novas possibilidades; é refazer a realidade”. “O poeta é aquele que gera referências indiretas e desdobradas, criando ficções. É na ficção que a ausência própria do dever de suspender aquilo a que chamamos “realidade”, de acordo com os critérios

---

paixões humanas, é uma teologia que surge da narrativa, ou melhor, uma teoria que usa o modo narrativo como seu principal paradoxo hermenêutico” (tradução nossa). Dessa forma, entendemos que a linguagem (também a teológica) é manifestação do ser.



da linguagem ordinária, se funde de modo concreto com a visão positiva que trespasa até ao coração possibilidades do nosso estar no mundo” (RICOEUR, 1982, p. 14).

Assim, entendemos o Papa Francisco e a sua fenomenologia da misericórdia, desejando uma Igreja acolhedora e samaritana, pois a metáfora, aplicada também à parábola do Bom Samaritano, “aponta, mas não encerra o sentido”, daí o entender o aspecto fenomenológico da imaginação. Francisco e na parábola do Bom Samaritano traz a pergunta que deve inquietar a Igreja: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29) (cf. FT 80-81).

Diante daquilo que se pode refletir sobre o poder imagético de uma narração, perguntemo-nos: qual é o sonho de Francisco? Se a pergunta nos faz pensar e refletir a Igreja numa volta às fontes, uma Igreja desejada pelo Concílio Vaticano II, então, a resposta será:

Em meio às angústias, vitórias e lidas  
no palco do mundo, onde a história se faz  
sonhei uma Igreja a serviço da vida  
Eu fiz do meu povo os atores da paz!

Quero uma Igreja solidária  
servidora e missionária  
que anuncia e saiba ouvir  
A lutar por dignidade  
por justiça e igualdade  
pois "Eu vim para servir"

Os grandes oprimem, exploram o povo  
mas entre vocês bem diverso há de ser  
Quem quer ser o grande se faça de servo  
Deus ama o pequeno e despreza o poder

Preciso de gente que cure feridas  
que saiba escutar, acolher, visitar  
Eu quero uma Igreja em constante saída  
de portas abertas, sem medo de amar!

O meu mandamento é antigo e tão novo  
Amar e servir como faço a vocês  
Sou mestre que escuta e cuida seu povo  
um Deus que se inclina e que lava seus pés

As chagas do ódio e da intolerância  
se curam com o óleo do amor-compaixão  
Na luz do Evangelho, acende a esperança  
Vem! Calça as sandálias, assume a missão! (Hino da CF 2015).

Portanto, diante do desejo do Papa Francisco, a Igreja deve recordar o seu sentido teleontológico, isto é, sua finalidade que é amar e perdoar, ser o rosto da misericórdia de Deus no mundo. E, nesse sentido, a narrativa de Francisco se ajusta com a poética, que é *teleós*, ou seja, abre-se ao fenômeno das possibilidades. E o grande e elementar fenômeno apresentado na parábola do Bom Samaritano é: “Vai e faz tu o mesmo!” (Lc 10,37). Assim, caberá ao leitor o significado do texto e, conseqüentemente, da mensagem de Jesus; por isso, Francisco utiliza a música de Vinicius de Moraes: «A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida» (FT 215).

### **Considerações finais**

De um lado, Paul Ricoeur atualiza o sentido da imaginação na perspectiva do conceito de metáfora falando que o texto traz um “mundo” que, ao ser descoberto, torna-se o “mundo do leitor”; ou seja, não se busca apenas uma subjetividade escondida no texto, mas um sentido disponível na obra. O texto, por assim dizer, na concepção ricoeuriana precisa ser ele mesmo. De outro lado, o Papa Francisco questiona, dentro do plano da imaginação, como postula Ricoeur, que a imaginação é criadora de sentido, torna-se, pois, possível “redescrever” a realidade: “Vai e faz tu o mesmo!” (cf. Lc 10, 25-37). A afirmação faz-nos refletir sobre “como” se fazer presente no texto da parábola (metáfora) do Bom Samaritano.

A linguagem possui um rosto e não se retém apenas em uma mera gramática. A parábola é uma narração e possui a função de “jogar para fora dela mesma”. Sendo a parábola uma das formas de discurso, pode-se dizer que ela é uma fé narrada, isto é, é uma fé que “se deixa dizer”. Assim, possui uma receptividade na atualidade, pois o texto cresce com o leitor, acontecendo uma simbiose, trazendo desdobramentos, uma fusão de horizontes. Dessa maneira, entendemos que o Papa Francisco pretende “redescrever” a realidade em que vivemos, não se pode ficar na indiferença, pois é preciso “refigurar” a vida, sabendo que um “outro cristianismo é possível” (cf. Roger Lenaers).

Portanto, Francisco propõe-nos “uma forma de vida com o sabor do Evangelho, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas”(FT 1). Uma das perguntas fundamentais é: “com quem te identificas?”. Há uma tentação que nos cerca: “a de se desinteressar dos outros, especialmente os mais frágeis” (FT 64). Isso traz um outro

questionamento, lembra Francisco: “quem é o meu próximo?” (Lc 10,29; FT 80). K. Rahner diz que “o Verbo divino toca o verbo humano”, então, é necessário e urgente deixar de lado a diferença (também a indiferença) e, diante do sofrimento do próximo, assumir o verdadeiro sentido poético que é evangélico: “Vai e faze tu o mesmo!” (Lc 10,37; cf. FT 81).

## **Referências**

- CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2015. *Hino*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cnbb/hino-da-cf-2015/>> Acesso em: 8 set. 2022.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Documentos Pontifícios; v. 198).
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. Paulinas, 2020. (Documentos Pontifícios; v. 210)
- FRANCISCO, Papa. *O nome de Deus é misericórdia*. Trad. Catarina Mourão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- FRANCISCO, Papa. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Trad. Austen Ivereigh. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- GONÇALVES, Alfredo J. “Papa Francisco e o toque como linguagem pastoral”, 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564973-discurso-do-papa-civilta-cattolica-incompletude-no-pensamento-e-imaginacao-no-discernimento-artigo-dandrea-grillo>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- KASPER, Walter. *Papa Francisco: la rivoluzione della tenerezza e dell'amore*. Brescia: Queriniana, 2005.
- LACOST, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2005.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1969.
- RICOEUR, Paul. La métaphore et le problème central de l'herméneutique. *Revue philosophique de Louvain*, 1972.
- RICOEUR, Paul. La philosophie et la spécificité du langage religieux. *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, n. 1, 1975.
- RICOEUR, Paul. Imaginação e metáfora. *Revista Psychologie Médicale*, n. 14, 1982.
- RICOEUR, Paul. Il racconto interpretativo. Egesi e teologia nei racconti della Pasce. *Rivista Fontana da Enzo Melandri, Discipline Filosofiche*, n. 527, 2005/ stampa del 16.12.2005. 9-28.
- SPADARO, Antônio. *O Batismo da imaginação: a experiência da palavra criativa*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- XAVIER, Donizete José. *O Papa, o teólogo e o poeta: uma análise da linguagem poética e metafórica de Francisco à luz da filosofia da linguagem de Paul Ricoeur*. *Humanística e Teologia*. 39:2 (2018) 143-161.

*Recebido em: 25/11/2022*

*Aprovado em: 06/03/2023*